

TRANSCOREOGRAFIA -

experimento em trânsito remoto através ou para além de coreografia.

O EXPERIMENTO:

Problematizar o processo criativo em dança e coreografia mediado pelas redes sociais. Testar procedimentos plurais em rede, perceber seus atravessamentos, efeitos e impactos no fazer performativo do corpoemente, (assim mesmo, tudo junto) e práticas dos artistas.

COMO:

Disparos e/ou ignições propositivas desenvolvidas por 13 artistas e postadas sob o perfil @transcoreografias. E flunar pelo ambiente virtual enquanto um perfil coletivo e acionar diferentes redes.

03 artistas foram agenciadores e “transcoreógrafxs” E 10 foram convidados a partir dos seguintes parâmetros: ter experiência migratória, viver em cidades e ou países considerados periféricos ou na periferia de cidades grandes.

Transcoreógrafxs

Juliana França Santos - São Paulo

Pedro Galiza São Paulo - SP

Thelma Bonavita São Paulo - Berlim

Convidadxs

Alexandre Américo Natal - Rio Grande do Norte

Damara D'arc Manaus / São Paulo

Elielson Pacheco Teresina - Piauí

Francisco Rider Manaus - Amazonas

Gustavo Bitencourt Curitiba - Paraná

Luciana Santos a.k.a Love Letter exe São Paulo - SP

Marta Soares São Paulo - SP

Patrícia Bergantim Ilha Bela - SP

Puri Yaguarete Barra Mansa - SP

Sheila Ribeiro São Paulo / Montreal/ Roma

ONDE

A princípio testamos três plataformas, Instagram, Facebook e Tiktok. E após o primeiro mês, focamos na plataforma que respondeu melhor ao nosso conteúdo, onde já tínhamos maior afinidade e onde nossa rede de artistas já habitavam com maior familiaridade: Instagram.

Realizamos também uma imersão presencial de uma semana num local fora da área urbana mas com internet. Onde percebemos os contrastes entre vida online e offline e de como somos afetados por esse trânsito, nossa percepção, a limitação que as telas produzem em termos de textura, profundidade e principalmente movimento.

Para a dança percebemos o quanto é crucial a presença, mas que através desse caderno coletivo foi possível cruzar as bordas dos territórios e dissolver hierarquias. E dessas aproximações, por exemplo, temos em andamento propostas em parceria com Teresina, Natal, São Paulo e Berlim. Também um material de pesquisa que ainda está em “degustação” vindo de Manaus. Assim Transcoreografia termina mas não acaba.

A seguir três relatos artísticos sobre o experimento:

TRANSCOREOGRAFIA_um ballet triádico em três atos

Primeiro ato

Pré. Pós. Infra. Supra. Inter. Entre.

Nunca começou. Tudo se cria a partir de alguma coisa. Matéria, mesmo que invisível ao nosso limitado aparelho humano. Matéria troca com seu ambiente e vira outra coisa. É tempo. É história. É cultura e é coreografia.

Um espaço virtual se cria, ou melhor, é ocupado coletivamente. Palco e dança ao mesmo tempo dessa peça. Um espaço sempre in forma aquele que dança. O espaço virtual do Instagram vem formando corpo e trânsito há algum tempo em nossas vidas. Uma pequena distorção em sua forma convencional de uso, um perfil coletivo, fez desse espaço/palco/dança um estranho familiar. Como quando apagamos a luz de um espaço já conhecido e nosso corpo precisa se reorganizar. Esbarra em coisas. Comete erros banais. Sente medo. Volta a sensação de não saber muito bem como se comportar.

Nossa transcoreografia começa assim. Em um espaço virtual escuro/estranho/familiar. Cada artista vai aos poucos, a seu próprio tempo e a sua própria maneira, propondo ignições e trânsitos coreográficos. Um trio aos poucos se revela nesse escuro. Sem uníssono. Sem equilíbrio. Em curva crescente e exponencial outros artistas de diferentes contextos do Brasil surgem dessa mata escura. Frutas. Ruas. Cores. Avatares. Makes. Perguntas. Transitam ali. O ritmo, as conexões e trânsitos se tornam cada vez mais surpreendentes. Pequenos sentidos de controle se perdem. O corpo que antes fazia o que podia para se preservar no escuro, agora, a cada tempo, sente o gosto de se perder. O alívio e o prazer de se diluir no coletivo passou a in formar um corpo diferente. Níveis de anonimato puderam ser vividos. O espaço também já não é o mesmo. Nem a dança. O corpo experimenta a ficção de estar livre de si mesmo e começa aos poucos a se libertar também de velhas/familiares relações com o espaço virtual do Instagram - confundir/trans formar espaço. Algo se cria numa grande escuridão. Uma pequena luz neon aparece. Uma planta se abre no meio do nada. E então num corte seco a cena apaga. Fomos tombados.

Segundo ato

Apagamentos

"A rede social é a destruição do coletivo"

No Brasil as políticas de apagamentos tomam muitas formas. Somos constantemente levados a lidar com lacunas históricas, culturais e tragicamente com apagamentos físicos, carnais, de vidas divergentes. O silenciamento, a exclusão, a morte, a invisibilização são adotadas como norma na relação com existências não normativas.

O experimento transcoreografia em seu perfil coletivo no Instagram começa a confundir os algoritmos e a perturbar a previsibilidade do seu uso. Inicia um movimento de subversão no modo como o corpo se relaciona com esse ambiente e inevitavelmente começa a provocar mudanças nesse espaço. Subverte uma estrutura criada para alimentar as ilusões narcísicas que sustentam o modo de vida neoliberal no qual nos encontramos em rede. E é nesse momento que o nosso perfil é tombado com a justificativa de preservar a segurança. Que, sabemos, deve ser considerada em ambiente digital. No entanto, ao fazer contato com o Instagram com todos os dados, documentos e comprovações da existência do projeto não encontramos nenhum espaço para um diálogo que pudesse acomodar uma existência divergente.

O perfil é extinto e a coreografia segue em seu segundo ato no perfil @transcoreografias.

Nesse ato surgem novamente três artistas como Avatares. É por meio desses corpos que os trânsitos acontecem.

Unhas de fogo aparecem em um espaço iluminado. O fogo se apaga. Queima Dói. Deixa queimar. O afeto do apagamento é triste. O corpo não quer mais estar nesse espaço. O corpo que experimentou um senso de liberdade na expressão coletiva retorna ao familiar com clareza do fim. Não.

Terceiro ato

Natural born glitches

O fim é o começo e o não é o começo do sim.

O terceiro ato começa em uma população de pedras. O som do teclado como um bicho digital que ainda não existe. Mas na verdade começa antes. Começa no não. Começa na subversão do corpo. A reflexão a respeito do projeto nos leva a uma residência artística presencial. Esse é o sim. Sim, queremos agora observar o corpo. Queremos sentir seus impulsos insurgentes e perceber como se organizam em coreografia. O glitch aparece como start para elaborar e entender o defeito/ o lapso/o descontrole dentro do algoritmo e dos nossos corpos. A síntese, a decantação da experiência em pesquisa de linguagem encerra uma etapa deste experimento sem grandfinale. O que se apresenta no último átimo do segundo tempo é fim e é matéria que encontra outra matéria e vira coisa um pouco mais adiante.

JULIANA FRANÇA



está sempre escuro

UM AMBIENTE JAMAIS NEUTRO

eu não sei quem sou ali,
nem importa, mais...
se fizer sentido,
É porque na verdade não tem sentido...

não tem um gênero,
E sim vários

É imprevisível demais,
Irresistível demais,
Erótico & perturbador,

Sensível,
Uma protuberância em forma de rede,
Incomoda tanto,
À ponto de removerem, extinguirem
Até que surge uma nova cepa,
Mais escura do que antes,
Uma incógnita ...

Escuro visual
transitório

Transversal, trans e sexual,
transsexual
Tramando
Nem contra nem a favor,
Nem pra cima nem pra baixo,
Transcoreo 1 & 2
Temporadas sinistras,

Porém para sempre atemporal,
Temporal, porque nesses meses todos apenas chovia, todos os dias...
Eu chorei muito,
Conspirei muito,

Emoções são artificiais
artifícios para se livrar daquilo que não queremos ver, ouvir, compreender...

Alta temperatura,
Eu fecho os olhos, me reconheço com você, no mesmo limbo infinito
Abro os olhos,
Estou com febre alta.
A doença mata, e eu morro de vontade de morrer
Pois não posso dançar como eu gostaria,
Transcoreografia.



PEDRO GALIZA

*não tem começo
nem direção
é ininterrupto
se dá em rede
é transitório
é um transtorno
é processo
processo gerador de efeitos não planejados que se prolongam no tempo.*

Como viver sem noções de identidade e verdade?

Não me pergunte quem sou, nem me peça para permanecer a mesma.
Meu self foge de mim,
Meu self se torna inacessível,
Meu self se comporta muito mal,
Meu self é uma onça –pintada.
Onça-pintada como qualidade de um ato, não como sujeito.

Há ambiguidade no horizonte,
Onde o céu parece se encontrar com a terra,
E o perigo de que o céu caia.

O quê o viver online vem produzindo em nós? ...quando ficamos por muitas horas na frente das telas...

O corpo é sempre uma realidade experimental em crise, desajustes, perturbações.
Corpoemente, assim mesmo, tudo junto. Biológico-cultural-singular-coletivo, sensível à radiação, temperatura e impacto, co-dependente do ambiente, inconstante. Experimento de si, em constante down e upload.

No escuro tátil.

A matéria sente, se opõe, sofre, deseja, anseia e lembra.
Em meio a preocupações ciber-tecno-eco-políticas,
LAMBDA O CONCEITO.

Encanta-me ou te devoro. Encanto-te ou me devoras.

O experimento termina, mas não acaba.
AVANTE.

THELMA BONAVIDA